

A leitura do mundo na fonte da Educação Ambiental

The reading of The World on the source of Environmental Education

Dinorá de Castro Gomes e Vera Margarida Lessa Catalão. Universidade de Brasília (Brasil)

Resumo

Este artigo aborda uma experiência da Educação Ambiental em uma turma de alfabetização de adultos trabalhadores de uma cooperativa de resíduos sólidos vinculada ao Programa AJA-Expansão da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, capital do Estado de Goiás, Brasil. Tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca da Educação Ambiental em sua interface com a Educação Popular no contexto de pesquisa de doutorado, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília. Toma os princípios da educação libertadora, Paulo Freire (2000), onde “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e adota a metodologia da pesquisa-ação, Barbier (2007), que se fecunda na transversalidade, na epistemologia da transdisciplinaridade, utilizando estratégias pedagógicas vivenciais que privilegiam a sensibilidade e a corporeidade. A partir da leitura do mundo, ambiente e trabalho dos catadores, foram emergindo as palavras em um processo articulado de alfabetização e conscientização ambiental. Assim, foi posto o desafio para uma Educação Ambiental Popular que contribua com a participação qualificada dos catadores de materiais recicláveis como atores ambientais e capacidade crítica voltada para a melhoria das suas condições de vida.

Astract

This article discusses an experience of Environmental Education in a alphabetization classroom of adult workers from an cooperative of solid residue treatment related to the program AJA-Expansão of the Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, capital of the state of Goiás, Brazil. It has as an objective present some reflections about the Environmental Education in its interface with Popular Education in the context of a doctorate research, still in course, of a line of Environmental Education and Education from the Field, Programa de Pós-Graduação em Educação from the Universidade de Brasília. Takes the principles of freeing education, Paulo Freire (2000), where “the reading of the world precedes the reading of the word” and adopts the methodology of action-research, Barbier (2007), which funds itself on the transversality, in epistemology of transdisciplinarity, utilizing experiential pedagogic strategies that privilege the sensibility and corporeity. From the reading of the world, environment and work from the collectors emerged the words in an articulated process of alphabetization and environmental conscientization. Thus was posed the challenge for a Popular Environmental Education that contributes to the qualified participation of the recyclable material collectors as environmental actors and criticism capability turned toward the improvement of their living conditions.

Palavras chave

Educação ambiental; resíduos sólidos; alfabetização de trabalhadores; educação popular.

Key-words

Environmental education; solid residue; alphabetizing of workers; popular education.

Visto de longe, o corpo de nosso Planeta está envolto neste elemento fluido, azulado e movente. Visto de perto, toda comunidade de vida se abastece, hidrata-se, orienta-se e se movimenta no sinuoso caminho dos rios ou na vastidão dos oceanos. E, não tão visível, mas extremamente operante, pode-se perceber a intrincada teia de relações ora solidárias, ora conflitantes na disputa de domínios sobre a água.

Ribeiro, Catalão e Fonteles (2014:5)

A nascente: banho de sentido

A fonte onde brota a água é a mesma onde nasce a vida. A água conduz a vida, a vida do nosso Planeta. Presente em todos os lugares, dentro e fora do coração, ela permeia relações, contorna ações, define as decisões e dá cor, sentido e sabor à criação. Assim, submergida nessa revelação, apresento este trabalho envolto no mais profundo entendimento de que a água não é somente uma equação científica. Para muito além de uma relação mercadológica e utilitarista, bebemos da fonte que compreende a água em sua dimensão cultural, poética e espiritual. Compartilhamos esse pensamento com RIBEIRO, CATALÃO e FONTELES que explicam:

A água é a molécula mais abundante de nosso corpo, mais abundante do planeta. Sabemos que a água não significa tão somente a equação científica: H₂O, ou seu manejo sustentável como querem os

utilitaristas. Água para nós transcende os limites do uso e das necessidades elementares de tudo que vive sobre a Terra, ela é um elemento carregado de simbologias ancestrais e de nossas lembranças originais de termos navegado no líquido amniótico e confortável desde o seio materno. Por isso precisamos tanto de fazer aflorar uma inteligência sensível e criativa para ver e sentir a água, nas suas dimensões simbólicas poética, cultural e espiritual tão comum às tradições primevas de todos os povos da Terra. (2014:5)

Permeadas por esse entendimento, damos conta de que a água envolve a temática da pesquisa, de onde se originou este artigo, intitulada: “Educação Ambiental na Alfabetização de Trabalhadores de Cooperativas de Resíduos Sólidos: por um resgate de *elos submersos*”, pois essa temática possui um caráter que situa esses trabalhadores em uma ação de religação com as questões ambientais e ecológicas ao lidarem cotidianamente com a triagem de resíduos sólidos. Dessa maneira, a formação humana que buscamos desenvolver com os catadores de matérias recicláveis, da mesma forma que a água, buscou a confluência das dimensões simbólicas poética, cultural e espiritual que submerge a todos.

A abordagem transversal proposta por BARBIER, ao que se refere à “existencialidade interna” e que conduz o sujeito ao reconhecimento do pertencimento, busca o resgate desse sentimento de

pertencimento da pesquisadora junto ao tema desta pesquisa. Esse sentimento se apresenta em diversos momentos, mas, especialmente, quando conduz a pesquisadora ao “banho de cuia” do tempo de sua infância, nos cocais maranhenses, na Região Nordeste do Brasil. Esse banho era tomado num banheiro (lugar exclusivo para banhar) em forma de espiral, feito de pindoba. Rodeado pela floresta, próximo a um poço, a água retirada com um balde era conduzida para o banheiro e colocada em um pote de barro que ficava sobre uma pedra, no núcleo dessa espiral e, sobre outra pedra, o banho era tomado retirando com uma cuia a água fresca do pote. A floresta, a espiral, o banho, a água. Como a amálgama desses elementos poderia hoje deixar de ser um profundo “banho de sentido”?

Transversalidade como “banho de sentido” no qual o conjunto das sequências existenciais do sujeito se acham postas em ordem e demarcadas numa coerência que o sujeito reconhece como lhe pertencendo. Essa transversalidade implica uma abertura a um máximo de referências que possam vir “jogar” (jouer) e estruturar a vida do sujeito. BARBIER (1997:22, grifos do autor.)

A consciência deste “banho de sentido” movimenta as águas de onde agora brota o saber que diz que as leituras, as vivências, os diálogos, as trocas, as aprendizagens e os conhecimentos precisam estar integrados à subjetividade, à história que nos constitui, às emoções que nos movi-

mentam, às águas que permeiam a nossa existência, fazendo emergir sincronias para uma convivência integral entre o sujeito pesquisador e o espaço acadêmico.

Esta percepção vem promovendo mudanças significativas no sujeito pesquisador, valorizando saberes, mas vem, especialmente, fazendo emergir novas congruências na medida em que nos vemos e tomamos a consciência de que o sentido profundo de cada parte constitui o sentido do todo, em movimento indissolúvel. Agora, inventamos novas aproximações na busca de integração entre a compreensão do mundo e a maneira pessoal de nele estar, procurando a relação profunda que existe entre a objetividade do fazer científico e a complexidade da vida, compreendendo que se é possível estar em plenitude na vida, então é possível estar em plenitude no desempenho do trabalho acadêmico, integrando-o à vida. Esse sentimento profundo de pertencimento ao que propomos na empreitada dessa pesquisa e ao processo de conhecimento que emerge se fortalece também com Sá, quando diz:

Parece, então que o princípio do pertencimento traz em seu bojo a questão da subjetividade como uma dimensão intrínseca do conhecimento vivo e humano, e que integrá-la é condição de acesso à objetividade, isto é, à possibilidade de um conhecimento que se sabe pertencente e se quer compatível com a complexidade do vivido. (2005:253)

O pertencimento torna-se, portanto, a via por meio da qual buscamos perceber também o sentido profundo do envolvimento dos catadores, sujeitos participantes da pesquisa, com o trabalho de catador, com o processo de alfabetização, com a formação como sujeito ecológico, com a conscientização do valor de seu papel na sociedade. Buscar o sentimento de pertencimento à sociedade, de se perceber capaz de promover mudanças no mundo, o sentimento de pertencimento à vida. Para isso a subjetividade, a história de cada um, a vida tecida na teia dos encontros durante os momentos da aula, são tomados como fontes de onde brotam o “*banho de sentido*” para que a ‘leitura do mundo’ se traduza também pela leitura da palavra.

A Educação Ambiental foi a embarcação para essa travessia, pois a ela estão direcionadas as grandes questões que emergem da pesquisa: Qual a contribuição da Educação Ambiental para uma aprendizagem significativa na alfabetização de adultos trabalhadores de cooperativas de resíduos sólidos? Qual o papel das estratégias ecopedagógicas para a formação humana emancipatória de alfabetizando trabalhadores de cooperativas de resíduos sólidos?

Ao mencionar a formação humana emancipatória, no processo de alfabetização de adultos trabalhadores de cooperativas de resíduos sólidos, trouxemos para essa

embarcação a Educação Popular que se enraíza nos saberes originados pela experiência desenvolvida por Paulo FREIRE (2000:22) como grande educador popular que nos diz que

“a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. (...) esse movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente.”

Acreditamos que a Educação Ambiental é capaz de navegar em águas turbulentas e seu olhar ampliado desenha contornos em seu movimento ao afastar-se e aproximar-se dos fenômenos, transitando do micro ao macrocosmo. Nesse sentido, sobre a Educação Ambiental, SATO e CARVALHO (2005:12) esclarecem que

...trata-se de navegar em um território instável, que já nasce de uma intersecção de saberes e de pretensões que buscam a produção de um novo modo de pensar, pesquisar e produzir conhecimento que supere as dicotomias entre a teoria e a prática. E ao anunciar seu trajeto, de mirar adiante entre caminhos até tortuosos, incertos e com atalhos que podem trazer dissabores, nossa história convida a percorrer tais trilhas, tendo a coragem de lançar-se na aventura da busca da ruptura contra a fragmentação moderna do saber científico. Possivelmente entre espinhos, mas seguramente com flores, o caminho proposto encontra pedagogias inteligentes que possam alicerçar os campos ambientais mais complexos.

Por sua natureza complexa, a Educação Ambiental se acopla ao percurso, também complexo, da pesquisa que pretende contribuir com o universo das pedagogias de aprendizagem, inspirada pelas questões que brotam da histórica curiosidade humana de compreender os mistérios de sua própria existência na medida em que busca uma aproximação profunda com a natureza da natureza, para entender a natureza humana - O que é a vida? Quem somos nós? Por que estamos aqui? Para onde vamos? -. Essas questões se manifestaram ao longo da pesquisa na persistência, na dedicação, no encontro, na respiração profunda, na consciência corporal, na escuta sensível, na criatividade, na religação, na espiritualidade, enfim, na intensa emoção do compartilhar da vida na experiência 'dialógica' de alfabetização de um grupo de catadores que trabalha em uma cooperativa de resíduos sólidos¹, na cidade de Goiânia, Goiás, Brasil.

Para dar conta da travessia, a pesquisa acerca-se da metodologia da pesquisa-ação (BARBIER, 2007) que transversaliza

1 De acordo com a lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010, item XVI, Capítulo II, define "resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnica ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível".

a experiência vivida ao longo do percurso, fortalecida pelos princípios da relação dialógica, da recursividade e do holográfico da teoria da complexidade (MORIN,2008), e os princípios dos níveis de realidade, complexidade e lógica do terceiro incluído provenientes da teoria da transdisciplinaridade (NICOLESCU,1999) como suporte necessário para compreender as dificuldades que permeiam a instalação de uma turma de alfabetização de catadores nessa comunidade e a resistência para a superação.

A descrição densa (MACEDO, 2012) das situações vividas no encontro das águas que fertilizaram o percurso foi a estratégia adotada, no processo de escrita, para facilitar a compreensão dos fenômenos ocorridos e o entrecruzar de leituras de mundos. Fazemos essa exposição concordando com o entendimento apresentado por MATURANA (2011:263) quando explica que

*Na verdade, todo o mecanismo da geração de nós mesmos - como descritores e observadores - nos garante e nos explica que nosso mundo, bem como o mundo que produzimos em nosso ser com os outros, será **precisamente** essa mistura de regularidade e mutabilidade, essa combinação de solidez e areias movediças que é tão típica da experiência humana quando a olhamos de perto. (grifos do autor)*

O pensamento do autor vai ao encontro da experiência vivida ao longo da pesquisa

sa. Desde o início, tivemos que aprender, num processo de mutabilidades e acoplamentos, pela força da realidade encontrada, a lidar com as constantes situações de imprevisibilidade e impermanência, buscando sempre recriar condições que abrigassem a regularidade e a ordem. Ali, predominava o profundo sentimento de aventura em águas incertas.

Memória das águas

A memória preservada nas águas que envolveram a pesquisa vem agora à tona impregnada da seiva que guarda a profundidade do universo envolvido. Nessas reminiscências encontram-se as subjetividades, as emoções, as vidas misturadas pela força do vórtice centrípeto das águas.

Os primeiros contatos com o grupo onde a pesquisa foi realizada se deu no ano 2011, quando a pesquisadora esteve na comunidade buscando informar-se acerca de uma experiência de alfabetização de adultos que já havia acontecido ali. Foi recebida por uma catadora, na varanda de sua própria casa, que falou de uma turma vinculada ao 'AJA-Expansão'², mas que não

2 O "AJA-Expansão" é um programa de alfabetização de adultos, da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, que nasceu do compromisso do governo municipal, gestão 2001 - 2004, com a demanda de analfabetos de 15 anos de idade ou mais, existente na cidade

completou a formação. Foram os passos iniciais para a escrita do projeto do curso de doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília, na linha de Educação Ambiental e Educação do Campo.

O campo de pesquisa consistia na instalação de uma turma para a alfabetização de adultos trabalhadores de cooperativas de resíduos sólidos, onde pudéssemos desenvolver experiências didático-pedagógicas de alfabetização inspiradas na Educação Ambiental. Estratégias de Educação Ambiental tem sido empregadas nos mais diversos contextos e grupos sociais, para essa pesquisa, no entanto, foram escolhidas algumas cooperativas de resíduos sólidos da cidade de Goiânia por apresentarem elementos enriquecedores da pesquisa: os resíduos sólidos e a demanda considerável de adultos que não sabem ler e escrever.

No primeiro semestre do ano de 2013, um ano após o início do curso, foi feito o primeiro contato com a Incubadora Social da Universidade Federal de Goiás (UFG), vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que tem como principal ação o acompanhamento gestor das cooperativas de resíduos sólidos na cidade de Goiânia. O coordenador da Incubadora mostrou-se muito interessado pela pesquisa, pois alfabetizar esses trabalhadores está nos

de Goiânia. É a única iniciativa em rede pública voltada para a alfabetização de adultos nessa cidade.

objetivos da proposta de trabalho dessa Incubadora, mas como uma ação que nunca conseguiram implementar, mesmo reconhecendo o valor dessa formação. Por essa razão, colocou-se como parceiro no que fosse possível colaborar. As dificuldades são muitas, mas sabemos que além de pessoas com formação específica, ela requer uma estrutura que contemple a realidade dos catadores e assegure um atendimento digno e de qualidade. Em entrevista, ele comenta sobre o trabalho realizado, assim:

Esse trabalho dessa sua pesquisa e dessa ação que foi feita nós consideramos ela como uma ação pioneira aqui em Goiás e foi uma ação que teve um começo um meio e um fim, houve a formação de um grupo de pessoas. E pra nós aqui, enquanto Incubadora e coordenando os projetos, (...) essa foi uma grande dificuldade. Desde 2008, quando nós começamos nossas atividades, que consta nos projetos essa intenção de participar e de promover ações nesse sentido de alfabetização.

Nós encontramos uma dificuldade enorme nesse sentido, primeiro porque as estruturas do processo de alfabetização pra esse caso específico estão muito rígidas (...). Várias vezes eu procurei a Secretária de Educação(...): “ó a estrutura é essa, você me arruma uma turma, traga aqui, tantos dias... (...)”. Nós não conseguimos mobilizar porque a situação do catador na cooperativa, do trabalho nas cooperativas, ela é muito característica desse grupo³.

O encontro dessas águas abriu caminhos para a nossa navegação. Essa se tornou uma parceria muito importante para o acesso às cooperativas. Há em Goiânia 15 cooperativas de resíduos sólidos cadastradas e autorizadas pela Prefeitura a receberem o material da coleta seletiva. Dentre essas, 07 são vinculadas à Incubadora Social da UFG.

A pesquisa tomou como campo de investigação somente as cooperativas vinculadas à Incubadora Social da UFG. Essas cooperativas possuem uma relação aberta e receptiva à presença de visitantes e pesquisadores. As pessoas são recebidas com alegria e há sempre uma consulta coletiva quando precisam parar o trabalho para alguma reunião. As outras cooperativas da cidade possuem uma relação patronal muito forte e rigorosa na cobrança da produtividade e no cumprimento do horário. São fechadas e sem receptividade à presença de estranhos e pesquisadores.

Mediante essa situação, foi tomada a decisão de envolver somente as cooperativas vinculadas à Incubadora Social da UFG, considerando processos de mobilização já realizados pela Universidade junto a esses grupos sociais. Em outubro do ano de 2013 iniciou-se um levantamento de dados a respeito do perfil social e escolar, a fim de verificar a real demanda de adultos analfabetos trabalhadores dessas cooperativas.

3 Entrevista nº 01, de 05/03/2015.

Os dados obtidos apresentaram uma demanda de 35 adultos analfabetos trabalhadores dessas cooperativas. A ideia inicial era a de instalar uma turma que contemplasse a todos interessados, imbuídos em fazer valer o direito de todos ao estudo, de acordo com a Constituição Nacional Brasileira e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil, de 1996. Com essa intenção, saímos à luta em busca das possibilidades, precisávamos constituir a turma e as dificuldades tinham que ser superadas.

Conseguimos um espaço bom e adequado na própria Incubadora Social, mas teríamos que conseguir transporte para conduzir os catadores. Pela cartografia teriam que ser no mínimo dois transportes. Com pesar, fomos nos dando conta de que esse era um sonho impossível. Pois havia ainda a distância, o trânsito e o cansaço a serem enfrentados pelos trabalhadores.

Essa realidade nos levou a decidir pela instalação da turma organizada em dois grupos, junto às cooperativas com maior demanda, 8 alfabetizando em cada uma: ACOP e COCAMARE. Elas ficavam na mesma região, embora bem distantes uma da outra, mas poderíamos acompanhar o trabalho desenvolvido pelos educadores populares colocados em cada grupo, dando o suporte didático pedagógico e assim os trabalhadores não precisariam se deslocar. Essa era a ideia. A turma foi cadastrada junto ao Programa AJA-Expansão,

entendendo-se que isso daria um caráter mais oficial e institucional, além de receber os subsídios do governo federal com material didático, merenda e uma bolsa para o educador popular. Em contrapartida, a turma tinha que cumprir as exigências para ser aceita no Programa. A primeira delas era o número mínimo de 15 alunos para a formação da turma. Como formar uma turma com 15 alunos, se os trabalhadores das 7 cooperativas envolvidas estavam espalhados em todas as regiões da cidade? Outra exigência era que o educador popular da comunidade envolvida tivesse o ensino médio. Na COCAMARE, dois catadores com ensino médio se interessaram em ser educadores populares, mas na ACOP não havia nenhum com ensino médio.

Iniciamos o atendimento da turma no mês de abril de 2014, com o grupo da COCAMARE, enquanto organizávamos o grupo da ACOP. Dos 8 alunos cadastrados na COCAMARE 3 frequentaram a turma, mas somente 1 permaneceu. Com um só aluno era inviável continuar o trabalho. Como ele já possuía alguma noção de leitura e escrita, o encaminhamos para uma escola da Rede Municipal e encerramos o atendimento ao grupo.

A experiência vivida na COCAMARE foi intensa. O trabalho realizado nesse grupo, embora por um curto tempo, teve a intensidade necessária para nos fazer perceber o quanto essas realidades ne-

cessitam ser vistas e cuidadas a partir de dentro delas mesmas. Dessa experiência muitas indagações surgiam, havia um nó que não conseguíamos desatar. O grupo era receptivo, mas as dificuldades falaram mais forte. Ao longo da pesquisa, os conhecimentos adquiridos nos mostraram que para a instalação de uma turma, que garantisse um trabalho de qualidade, carregado de sentidos para aqueles sujeitos, da maneira como intencionávamos, as condições precisam existir e essas estão bem distantes das realidades encontradas nessas cooperativas.

A COCAMARE estava instalada em uma chácara alugada, com enormes mangueiras carregadas de flores e frutos sob as quais o material era depositado pelos caminhões. Isto formava um cenário bonito e impactante, víamos a natureza abrindo seus braços acolhedores sobre a cria desgarrada.

Foi uma despedida cheia de emoção, nos demos conta de que muitos vínculos



Imagem 1. Natureza desgarrada. Pátio da cooperativa COCAMARE.

já haviam se constituído. Mesmo com o impacto dessa experiência, continuamos a jornada com o propósito firme de formar uma turma. Em nosso íntimo havia a confiança de que a força das águas e a natureza conspiravam, nos tornando melhores, nos preparando para continuar a navegação e nos dizendo que estávamos apenas iniciando o percurso.

Nos voltamos para a cooperativa ACOP. Diferente das outras cooperativas, esta fica situada em uma comunidade que vive em seu entorno e ela é a principal fonte de renda para a sobrevivência dessas pessoas. Há 5 anos vivendo nesse lugar, planejado e estruturado pela prefeitura da cidade para abrigar essas pessoas, provenientes de uma invasão, possuía as casas para as famílias, com saneamento básico, luz, linha de telefone, asfalto, ônibus. Não tinha escola, a mais próxima, onde as crianças estudavam, ficava no bairro vizinho, depois da ponte sobre o córrego Caveirinha, divisa entre os bairros, aproximadamente a 1 quilômetro. Durante a noite, não havia como os adultos fazerem esse trajeto: era escuro e perigoso. Essa comunidade possui uma história de muita luta e superação, pois essas pessoas eram catadoras de rua e moradoras de uma invasão em uma área de risco, sobre parte de uma linha de trem desativada, em baixo de uma ponte. Em entrevista o presidente dessa cooperativa contou um pouco dessa história, e disse que essa foi a primeira cooperativa a ser criada na cidade de Goiânia.

Tive o conhecimento e a concepção dessa realidade, que haveria a importância de nos organizar como cooperativa, já que a gente trabalhava como catadores de materiais nas ruas, né, puxava carrinho, morava na favela. Aí, a gente teve conhecimento do movimento nacional dos catadores, que é uma ferramenta política, que traz o conhecimento e a troca de experiência de vários catadores a nível de Brasil. Hoje eu faço parte desse movimento, sou o representante do movimento nacional dos catadores no Estado de Goiás e sou um dos membros da Comissão Nacional.

Com esse conhecimento do movimento foi aonde despertou a ideia de organizar a comunidade onde nós morávamos – uma favela que ficava na Vila Nova, bem ao lado da Pecuária. Passamos a fazer o registro da cooperativa, fazendo ata, estatuto, né, a gente conseguiu organizar juridicamente o documento da cooperativa, mas a gente não tinha área e não tinha casa pra morar. E aí, desde então, com esse instrumento na mão, que era a cooperativa, a gente começou a articular com a Prefeitura, e a Prefeitura não tinha projeto de coleta seletiva. Aí a gente começou a trabalhar nas ruas, conscientizando alguns prédios e condomínios pra separar o material que nós passaríamos a coletar. Aí a gente começou a fazer a coleta seletiva muito antes do projeto da Prefeitura. Em 2005 que eu consegui registrar a Acop. Foi no dia 02 de outubro de 2005 que ela foi realmente legalizada

como associação. Isso lá na favela ainda⁴.

Essas informações fornecidas por esse catador, sobre o início da coleta seletiva proveniente da movimentação dos próprios catadores, reafirma a força dos movimentos sociais dizendo-nos que a ação do poder público é sempre em resposta à pressão da ação popular. A criação da Lei nº 12.305 no ano de 2010, revela esse fato, pois se a coleta já estava sendo feita desde 2005, de forma alternativa pelos próprios catadores na cidade de Goiânia, em todos os lugares do Brasil esse movimento já estava existindo e se fortalecendo. A referência aos catadores, no item XII, dos Princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos no Brasil, reafirma essa realidade ao mesmo tempo em que representa um avanço ao movimento dos catadores, reconhecendo a importância desses sujeitos no ciclo dos resíduos sólidos, empoderando-os na luta pela melhoria das condições de trabalho.

Se buscávamos uma comunidade para ser o nosso campo de pesquisa, as águas nos conduziram para essa com uma realidade que agregava as características fundamentais para o nosso trabalho: a demanda de adultos analfabetos e trabalhadores de uma cooperativa de resíduos sólidos. Além dessas características, a história dessa comunidade, de tantas lutas vividas

4 Entrevista nº 3, de 16/04/2015.

coletivamente, foi um elo determinante dos vínculos e do pertencimento de todos àquela realidade. Assim, focalizando a pesquisa em uma única comunidade, pudemos nos dedicar com exclusividade a esse grupo em uma interação mais próxima com os sujeitos da pesquisa.

Por não ter nenhum catador ou alguém da comunidade com ensino médio, que pudesse assumir a turma como educador popular, a própria pesquisadora se cadastrou assumindo essa função junto ao Programa AJA-Expansão. Por meio da Incubadora, conseguimos uma bolsa para uma catadora para que fosse nossa auxiliar. Ela trabalharia na turma todos os dias como suporte no acompanhamento individual dos educandos e poderia ficar com a turma quando a pesquisadora tivesse que se ausentar para ir até à universidade, em Brasília, a 250 km de distância. Essa catadora teve um papel muito importante para o fortalecimento do trabalho. Ela é uma moça jovem, 24 anos, catadora filha de catadores, era presidente da cooperativa e uma liderança na comunidade. Conhecia tudo e todos ali. Era uma importante parceira para o trabalho.

Com essa organização, iniciamos o trabalho no grupo, no início do mês de maio de 2014. Pela falta de outro espaço, as atividades da turma eram desenvolvidas no próprio galpão da cooperativa, ao lado dos resíduos sólidos, no final do expediente de trabalho, 17h30min. Caixas cobertas por papelão eram nossas mesas e

cadeiras. O horário de funcionamento da turma foi combinado junto com o grupo, tendo que cumprir o tempo de 2h30min, de 2ª a 5ª feira, conforme exigência do AJA-Expansão. Na 6ª feira os educadores populares da cidade se encontravam na Secretaria Municipal de Educação para trocas e formação continuada. A turma já estava cadastrada junto ao AJA-Expansão unida com a demanda da cooperativa COOCAMARE, para contabilizar 15 alunos, conforme as diretrizes. Havia 8 alunos da ACOP, mas a frequência variava muito, muitas vezes tínhamos 3 alunos e a maioria das noites eram 5.

O espaço no galpão da cooperativa estava sendo possível para a instalação da turma em função de uma grande crise político-administrativa na cidade. Essa crise afetou toda a coleta de lixo e, especialmente, a coleta seletiva. Isso gerou uma crise também nas cooperativas, com a drástica redução do material. Em consequência, muitos cooperados estavam saindo em busca de outros serviços. Assim, o movimento ficou intenso entre os catadores, preocupados com a sobrevivência. Em decorrência, a imprevisibilidade e a permanência eram constantes das relações na constituição da turma. Todos os dias respirávamos profundo e nos preparávamos para um novo dia, pois nunca sabíamos qual novidade encontraríamos.

A aula no galpão da cooperativa chamava a atenção de quem passava e a turma

ficava sempre rodeada de pessoas da comunidade que acabavam se envolvendo. Várias pessoas nos procuravam querendo se inserir na turma. Iam sendo cadastrados, a lista chegou a 18 pessoas, mas não vinham para a aula, diziam que depois viriam, que naquele dia não tinha dado certo. Chamava a atenção o grande número de rapazes bem jovens que estavam sem estudar e sem trabalhar. Quando perguntados, diziam que iam voltar para a escola. Passavam de bicicleta, entravam e ficavam por ali.

Essa situação não pode ficar por muito tempo, pois a greve da coleta acabou, o galpão se encheu de material e ficamos sem lugar. Águas revoltas, desordem. Buscando dar continuidade ao trabalho, vimos com o grupo alguma sala que nos abrigasse. Depois de várias sugestões, locamos a varanda de entrada da casa de uma catadora, aluna da turma, e a partir do início do mês de junho nos instalamos aí. A mesma onde fomos recebidos por essa catadora para dar início ao projeto de pesquisa, em 2011. Movimento das águas na espiral da vida.

Essa generosidade da catadora nos dizia que eles estavam gostando e querendo que a turma continuasse. Não podíamos recusar essa oferta, esse espaço era uma necessidade imediata, mas transitória, sabíamos que outro lugar teria que ser providenciado. Até porque, pelas normas do AJA-Expansão, a turma não podia ser

instalada em residências particulares. As condições também não estavam boas, tínhamos que recolher todo o material ao final das aulas, não podíamos utilizar as paredes, não havia como criarmos uma ambientação a partir das produções. Enfim, fomos percebendo que aquele não era um espaço nosso. Além disso, um aluno que estava frequentando a turma regularmente deixou de frequentar alegando que queria a turma no galpão da cooperativa.

A cada dia era uma experiência nova, nunca sabíamos como seria a turma no dia seguinte. No dia 16 de junho, a educadora popular, a bolsista que nos acompanhava, que era presidente da cooperativa, no final da aula comunicou-nos que finalizou o seu mandato de presidente e, com a crise da coleta seletiva na cidade, encontrou emprego em uma empresa e saiu da cooperativa. Por conseguinte, estava saindo também da função de educadora popular por não ser possível conciliar o horário. Nova desordem surgindo na resistência entre a ordem e a desordem. Na semana seguinte, enquanto buscávamos uma so-



Imagem 2. Leituras na varanda.

lução, ela retorna pedindo para continuar na função, pois não havia se adaptado ao novo emprego. Assim, entre avanços e recuos, envolvida no movimento dessas águas, vamos permeando os fluxos e prosseguindo o percurso, vivendo intensamente a impermanência da vida.

Ao longo do mês de junho, enquanto realizávamos as atividades na varanda da casa da aluna, íamos também nos aproximando mais da comunidade, conhecendo mais as pessoas e o lugar. Assim, ficamos sabendo de uma sala que estava disponível para ser alugada, no final da mesma rua onde ficava a cooperativa. Essa sala havia sido construída para a instalação de um açougue, mas foi o templo que nos aguardava para acolher-nos. Fechamos contrato e no dia 1º de julho nos instalamos. Possuía uma bancada de inox e uma pia, o tamanho era de 5m por 4m. Não possuía banheiro, mas possuía tudo o que precisávamos: um espaço adequado, estrategicamente bem localizado, que contribuísse para um trabalho de qualidade.



Imagem 3. Espaço para a criatividade e a vida.

Pintamos a sala por dentro e por fora em azul anil. Como o AJA-Expansão não forneceu um quadro de giz, fizemos em uma parede, com tinta especial, um quadro verde para escrita e, na parede em frente a essa, fizemos um quadro branco para tela de data-show. Uma catadora emprestou 3 mesinhas de plástico e 5 cadeiras, a mesma catadora que cedeu a varanda de sua casa. Nós levamos mais uma mesa de 6 lugares e 6 banquinhos. Na fachada externa, pintada com a mesma cor, colocamos a logomarca da pesquisa.

Um rapaz da comunidade executou todo o trabalho da pintura. Além das paredes internas, com todos os detalhes dos quadros, fez a pintura externa com a arte da logomarca. Para ele, esse trabalho foi muito importante, ele nunca havia feito uma pintura com tantos detalhes e ainda com a arte de uma logomarca. Ele se tornou um parceiro que sempre estava por perto demonstrando carinho e amizade. A sua mãe era aluna da turma e sua irmã a nossa bolsista auxiliar.

A cooperação do grupo em toda aquela movimentação fortalecia nossas ações. Nos dizia que estávamos sendo aceitos e acolhidos pela comunidade, que havia ali o interesse em aprender a ler e escrever, em um espaço integrado com a vida vivida ali. Interessante mencionar que havia uma telha quebrada e com isso uma grande fenda no telhado. A chuva ameaçava cair e nós esperando que a senhoria fizesse o

concerto. Passados dois meses e o telhado foi arrumado. Por força da natureza, nessa noite a chuva caiu bem forte. Todos perceberam e comentaram a ‘coincidência’ e não conseguíamos conter a alegria. Era a celebração das águas. Abrigados e envolvidos em tanta água.

Nesse espaço a criatividade fluiu, os vínculos se estreitaram, a confiança se estabeleceu. Aos poucos, na medida em que fomos desenvolvendo as atividades, promovendo a leitura e a escrita, inventando estratégias, sensibilizando. Também a turma se definindo e a ordem se estabelecendo. Na maioria das vezes tinham 5 educandos, algumas noites tinham 8. O Programa AJA-Expansão possui convênio com uma fundação que encaminha para tratamento oftalmológico e fornece os óculos. 6 alunos foram encaminhados, 5 receberam os óculos e 1 precisou fazer uma cirurgia de catarata, mas o cardiologista não autorizou e o encaminhou para tratamentos. Entendemos que isto também foi significativo para o estabelecimento da confiança, pois foram muitos os exames oftalmológicos feitos e os encaminhamentos passando todos pelo educador popular, nós, então, fazíamos o vínculo entre a fundação, o hospital - marcando consultas e exames- e os educandos. Uma tarefa delicada, que requereu atenção para que tudo saísse corretamente, e utilizada como geradora de atividades na turma.

A apenas dois meses para encerrar as atividades, dois trabalhadores da cooperati-

va, que estavam cadastrados desde o início, decidiram frequentar a turma. Isto foi uma grande demonstração da confiança estabelecida, essas presenças, no início do mês de outubro, nos diziam que esse era um lugar onde eles se sentiam respeitados e valorizados. Vendo-nos todos os dias passando pela rua, cumprimentando todos, abrindo a sala, recebendo, acolhendo. Não se trata de duas pessoas quaisquer daquela comunidade, aqueles dois são uma referência de conduta, de respeito, de consideração, de autoridade, portanto. Precisavam acreditar em nós. Isso foi uma forte demonstração de que o nosso trabalho repercutiu, estava materializado, apresentando resultados e eles se convenceram que era de verdade.

A partir dos princípios da Educação Ambiental e da Educação Popular, aliados ao objetivo da pesquisa, fomos desenvolvendo as estratégias pedagógicas. Algumas definidas previamente e outras ao longo do percurso, na medida em que surgiam novas situações e em que as condições se apresentavam. Entendíamos que, para o alcance de uma percepção mais significativa do ambiente, era muito importante trabalharmos a nossa localização geo-espacial: do setor onde estávamos para o cosmo e do cosmo para o nosso setor. Com essa finalidade dois grandes mapas, um mapa mundi e um mapa do Brasil, foram afixados na parede da sala. Também levamos um globo terrestre. Além desses materiais, utilizamos o data show com

imagens do sistema solar e imagens intergalácticas. Fizemos encenações para ajudar a entender a organização e o movimento dos astros e a escrita das palavras que provocavam maior interesse.

As conversas, ao contrário do que ocorre nas salas de aula tradicionais, eram sempre bem vindas e nunca reprimidas, eram acolhidas como água brotando da fonte. Por meio dessas conversas o ambiente se descontraía, o grupo se sentia à vontade fazendo daquele um ambiente dele. Os educandos chegavam a expressar que ali era bom porque eles podiam conversar, contar casos, rir. Era bom. Assim, o viver brotava na sala de aula e desse viver brotavam as palavras e as estratégias.

A trajetória de vida foi uma estratégia muito importante, porque a partir das histórias contadas por cada um os vínculos se estreitavam e surgia uma percepção profunda das existências unidas por um fio condutor de uma história sempre carregada de muita luta pela sobrevivência. Havia de comum também nessas histórias, que a escola sempre estava em segundo plano, ela ficava distante da vida.

O data-show foi um equipamento muito rico que utilizamos. Com ele, pudemos apresentar imagens do corpo humano, da natureza, das águas. Filmes, vídeos, imagens diversas que favoreciam a construção de uma linguagem eco-poética. A exemplo da utilização desse equipamento,

uma noite, realizamos uma oficina a partir da roda de sensibilização, respirando com consciência, falando do reino vegetal que estava produzindo esse ar, respiração profunda sentindo o ar penetrando no corpo. Em seguida, apresentamos a imagem do corpo humano com a circulação sanguínea e o coração pulsando. Comparamos com a imagem das bacias hidrográficas, alimentadas por córregos e rios e em seguida, com uma lupa, observamos as folhas de diversas plantas que levamos para a sala, para perceberem a semelhança entre esses sistemas circulatórios. Após as conversas geradas pelas percepções de cada um, se expressaram com desenhos livres, utilizando tinta à base d'água. Com essa oficina, perceberam o quanto somos filhos da natureza, o quanto trazemos em nós, em nosso corpo a mesma matriz geradora da vida.

A partir dessa experiência, realizamos várias atividades escritas com palavras que foram geradas. Natureza, coração, circulação, vegetal, folhas, etc. e começamos a preparar a turma para uma visita ao Córrego Caveirinha. Esse córrego passa margeando o setor, está presente no convívio das pessoas daquele lugar que necessitam atravessá-lo todos os dias para levar as crianças à escola. Com a utilização do data-show, apresentamos imagens do Córrego, desde sua nascente até o ponto onde deságua, no Rio Meia-Ponte. Apreciamos o Córrego, vimos o seu tamanho, a sua extensão, falamos sobre a água, a mata ciliar,

o assoreamento. Marcamos a data e fomos fazer a visita ao córrego. Diferente de passar sem olhar para ele, nesse dia os olhares estavam voltados para o Caveirinha. O grupo percebeu o quanto ele estava maltratado, sem mata ciliar, desbarrancando, com as águas sujas e servindo de depósito de rejeitos. Havia caminhos despejando entulho em uma área de nascentes. Comovidos, surgiu a ideia de fazermos um abaixo assinado para encaminhar uma denúncia ao ministério público para que alguma providência fosse tomada. A denúncia foi feita junto ao Ministério Público que limitou-se a encaminhar para a Agência Municipal do Meio Ambiente, AMMA, a fim de que fosse averiguada. Após a inspeção da AMMA nada mais foi feito.

As palavras provenientes dessa experiência fizeram parte de um jogo, criado junto com a turma, para trabalhar a alfabetização. Com a ajuda do educador popular, o educando pensa uma palavra, coloca no quadro um traquinho correspondente a cada letra e em seguida cada colega vai dizendo uma letra, até formarem a palavra. Cada educando recebe um botão de uma flor que é desenhado no quadro e a cada acerto uma pétala da flor se abre.

O método da alfabetização utilizado, assim como todas as atividades desenvolvidas, teve como princípio a escuta aos educandos. Utilizamos letra bastão, a recomendada para essa fase, mas não nos prendíamos a ela quando havia alguma

solicitação dos educandos querendo saber como se utiliza a letra cursiva. Da mesma forma, os processos sintéticos e analíticos, da parte para o todo e do todo para a parte, possuíam fluxo livre para atender as necessidades solicitadas por cada um em seu processo de escrita.

A cooperativa recebia uma grande diversidade de resíduos e a riqueza desse material nos estimulava a imaginação. Com a ajuda de uma professora de artes, começamos a pensar em como criar artesanato com esses resíduos, mostrando a eles que há outras possibilidades de geração de renda e reutilização daquele material. Então, com criatividade e arte, começamos a fazer mandalas em CD, esse era um material abundante na cooperativa. Compramos as tintas específicas para vitral e começamos o trabalho. O resultado foi surpreendente, produziram lindas mandalas. Também desenvolvemos a técnica da decoupage em embalagens de sorvete, com lindas produções. A turma se admirava com a beleza das produções.

Buscando aprofundar o entendimento da relação entre a natureza e a vida, desenvolvemos estudos sobre o cerrado e os povos do cerrado. Novamente o uso do data-show foi muito importante, pois pudemos levar imagens dos povos indígenas e quilombolas: os cantos, as danças, a cultura. Assim como filmes e imagens do cerrado. Levamos vários livros para a sala, literários e científicos. Livros bonitos, com texto e

ilustrações. A turma gostava de olhar as imagens, elas traziam identificações com suas histórias de vida, riam, contavam histórias, tentavam ler as palavras. As imagens das plantas e das árvores também eram motivo de muita conversa, trocavam conhecimentos sobre elas, cada um com sua ciência. Para o aprofundamento desse estudo sobre o cerrado, visitamos o Memorial do Cerrado. Essa visita foi muito importante para a turma, todos gostaram muito e, partir dela, enquanto falavam sobre o que viram e sentiram, fizeram lindas produções de desenho, pintura e colagem com sementes, flores e folhas secas, gravetos e areia colorida utilizando grandes cascas de palmeiras como suporte.

A água foi abordada sob diversas dimensões: da água que circula em nosso corpo à água que circula no planeta, passando por todos os seres e por tudo que constitui a vida no planeta Terra. Portanto, uma sensibilização para a importância da água na manutenção da vida. Era hábito fazermos nossas comemorações e celebrações brindando com água. A gratidão era um sentimento sustentado no grupo e a água permeava esse sentimento ao ser vista como geradora da vida. Olhávamos para a água que bebíamos na sala, colocada na garrafa e nos copos. Depois essa água era bebida gole por gole, devagar, sentindo o seu percurso no corpo. Levávamos diariamente a água que bebíamos, pois na sala não tinha filtro. Os educandos comentaram que a água da torneira já era tratada, pron-

ta para beber. Percebemos que eles não utilizavam água filtrada, das crianças aos adultos, todos bebiam água da torneira e isso para eles era normal e cultural.

A partir dessa revelação, utilizamos filmes e imagens diversas mostrando e falando sobre a água no planeta, sobre a necessidade de cuidarmos da água como um bem precioso para a vida. A intenção era fazê-los conhecer que precisamos saber nos relacionar com a água e que, para beber, é importante filtrar a água para prevenir doenças provocadas por verminoses, alertando para o cuidado com as crianças. Dessa discussão, fizemos a doação de filtros de barro com uma aula sobre como fazer a limpeza, a montagem e a manutenção. As palavras geradas iam sendo escritas no quadro, com a colaboração da turma.

Foram muitas as estratégias pedagógicas utilizadas, todas originadas na interação com o grupo. Dessa maneira utilizamos: a trajetória de vida; a linguagem eco poética, a alfabetização inserida na ampliação da percepção de si e do mundo; a religa-



Imagem 4. Água de beber

ção com a natureza através de excursões e oficinas; roda de sensibilização; exercícios corporais; respiração; vivências com a água; caminhada ao córrego Caveirinha; visita ao Memorial do Cerrado; pluralidade de gêneros textuais; eco temas geradores conectando a triagem dos resíduos sólidos < > as relações sociais < > e a natureza; produção artística e artesanal a partir dos resíduos sólidos; parceria com professor de arte. Finalizamos as atividades no dia 16 de dezembro de 2014, em um clima de celebração, de festa e de muita emoção, com uma linda exposição das produções, aberta à visitação da comunidade.

Além das estratégias pedagógicas, alguns procedimentos metodológicos complementaram a coleta de dados. À luz do objetivo a ser alcançado e das questões que buscamos responder, alguns sujeitos foram selecionados para serem entrevistados. Foram realizadas 3 entrevistas: com a educadora popular da comunidade, que acompanhou a turma; com o presidente da cooperativa, que também faz parte do movimento nacional dos catadores, e com o coordenador geral da incubadora social da UFG.

O mundo, as palavras e a vida no murmúrio da fonte

A comunicação é uma necessidade fundamental dos seres, está no sopro da vida

e se manifesta no movimento das águas. Considerando o pertencimento como meio de alcançar o sentido profundo da vida e o valor da subjetividade, tomamos esse caminho como uma via para buscar a compreensão, entre os catadores, sujeitos participantes da pesquisa, do sentimento de pertencimento ao mundo. Com essa intenção, assumimos uma desafiadora postura de observação semântica das condutas e comportamentos, procurando fazer a leitura do mundo e a leitura da leitura feita por esses sujeitos. Algo semelhante à observação comunicativa da ontogenia, conforme MATURANA (2011:229):

É essa qualidade dos comportamentos comunicativos ontogênicos - de poderem aparecer como semânticos para um observador - que trata cada elemento comportamental como se fosse uma palavra que permite relacionar essas condutas à linguagem humana. (Grifos do autor)

O turbulento percurso transcorrido até que a turma se definisse e as estratégias pedagógicas pudessem ser desenvolvidas, nos comunicou o quanto o direito ao estudo é negado a essas pessoas. O nosso empenho e persistência foi determinante para que a experiência se efetivasse. Vimos que não basta o poder público elaborar um programa bem articulado, se não forem dadas as condições, não adianta esperar que ele aconteça. A total falta de estrutura e o distanciamento da escola à realidade da comunidade dos catadores requerem especial atenção por parte do poder públi-

co e dos profissionais responsáveis para com a efetivação desse direito, porque a implementação de uma proposta requer ação, mas a ação acontece é nas pessoas e não no papel. Todavia, as pessoas são portadoras de emoção, são seres multidimensionais e os funcionários, os profissionais responsáveis, precisam colocar essas dimensões em suas relações de trabalho para não se tornarem meros cumpridores de tarefas e descompromissados das relações sociais.

Transitando da realidade proveniente da comunidade dos catadores ao órgão responsável pela implementação da proposta, vimos o quanto essa postura de cumpridores de tarefas está enraizada nas estruturas. Ao comentarmos a falta de condições para a realização da alfabetização os profissionais responsáveis conduziram o problema para outras instâncias, também alegando falta de estrutura. A esse respeito MATURANA (2009:69) esclarece que:

As relações de trabalho (...) não são relações sociais, porque elas se fundam no compromisso de cumprir uma tarefa e, nelas, o cumprimento da tarefa é a única coisa que importa. Em outras palavras, para adotar o compromisso de trabalho é essencial que os participantes sejam pessoas, seres multidimensionais, mas uma vez assumido o compromisso, o fato de os participantes serem pessoas e terem outras dimensões relacionais não tem nenhuma pertinência.

Habitados que somos às massacrantes relações de trabalho, as nossas condutas vão se esvaziando e assim vamos perdendo o sentimento de pertencimento ao mundo e o sentido da existência. Esse olhar também nos auxilia a compreender o comportamento dos catadores que, embora não saibam ler e escrever, muitas vezes não se sentem estimulados a aprender, pois não percebendo o profundo sentido de sua existência não poderão encontrar sentido em expandir a sua capacidade de ler o mundo pela leitura da palavra escrita.

A Educação Ambiental, com sua percepção integradora, multirreferencial e transdisciplinar, ao ser inserida como foco no processo de alfabetização de adultos catadores, tem o desafio de resgatar o sentimento de pertencimento, o sentido da existência e, por fim, o desejo de ler o mundo pela palavra. Com estratégias que emergem dessa natureza, vai requerer do educador essa intervenção, mas para isso ele precisa estar capacitado para fazer o exercício profundo de alteridade, envolvido no compromisso social que é gerador de relações sociais. Isso requer formação específica para a dialogicidade com a Educação Popular e a Educação Ambiental. Em entrevista, quando perguntada sobre as suas sugestões para o trabalho desenvolvido na turma, a catadora bolsista que nos acompanhou disse:

Acho que do mesmo jeito que a gente trabalhou ano passado, que foi com aula de

artes, tudo bem misturado, com passeios, porque vai abrindo. Até porque os catadores já têm uma certa idade avançada, então pra eles aprender mais, só vendo mesmo. Tem coisa que eles vão aprender vendo, sabendo, você fala "não, aquele córrego ali tá poluído", eles foram lá, viram que é verdade, que tava necessitando daquela ajuda, né? [Não é só falando], mas é fazendo, vendo, mostrando a dificuldade nas coisas⁵.

E explica o que mais lhe chamou a atenção:

A questão do meio ambiente, pra mim, me chama a atenção. Eles aprendem a escrever, a estudar e já aprendem como lidar com a natureza desde o começo. Geralmente você só vê falar do meio ambiente nas aulas de ciências, né, a partir do quarto ano em diante. Foi, foi diferente. Legal. Pela forma de você falar, levar pra passear, pra ver, ensinar a plantar, como lidar com a água⁶...

Havia de nossa parte o esforço para desenvolver um trabalho integrado à vida e ao trabalho realizado pelos catadores na cooperativa e, na mesma entrevista, a catadora nos diz que

É bom, o trabalho da ACOP. Em questão do meio ambiente, tá já tirando a maioria dos resíduos sólidos pra ir pro lixão e meio que associa com o trabalho da escola, porque os dois ensina a mesma coisa, quase,

a diferença é que lá na cooperativa não escreve. Mas é quase a mesma coisa⁷.

O trabalho na cooperativa tem levado esses catadores a se organizarem na luta por melhores condições de trabalho, por máquinas adequadas que facilitem e agilizem a triagem do material, por melhor remuneração, por uma vida mais digna. Eles sabem que essas lutas precisam ser enfrentadas junto e elas se tornam, portanto, um significativo elo entre eles, que além de uma história de vida vivida junto, há sonhos sendo sonhados junto e alimentado nas lutas. Isto cria identidade e pertencimento, sentimentos que os levaram para o aprender. Dessa maneira, ao longo de todo o trabalho realizado, as leituras do mundo foram se entrecruzando com as leituras das palavras e encontrando novos sentidos, no murmúrio da fonte onde brotam a vida, o mundo e as palavras.

A contemplação das águas

Neste artigo buscamos apresentar algumas provocações provenientes da abordagem de dois campos de conhecimentos que se entrecruzam, na construção de uma formação humana objeto desta pesquisa. A experiência realizada em uma turma de alfabetização de adultos trabalhadores de uma cooperativa de resíduos

5 Entrevista nº 2, de 09/03/2015

6 Idem, de 09/03/2015

7 Idem, de 09/03/2015

sólidos busca colocar em evidência o elo existente entre esses dois campos, o da Educação Popular e o da Educação Ambiental. A ação se efetiva com atividades integradoras capazes de proporcionar um sentido profundo da aprendizagem na relação com o contexto.

Compreendemos que a EA se inicia no próprio ser e se manifesta na maneira de estar, de se relacionar, de interagir com o mundo. Maneiras onde os valores humanos, a subjetividade, os sentimentos, a sensibilidade e a espiritualidade do ser são levados em consideração, ocasionando uma mudança de postura diante da vida, das relações na sociedade e, portanto, diante da relação com a natureza.

Nessa perspectiva, se dissipam as fronteiras entre as disciplinas para o alcance de um conhecimento transformador, carregado de sentido, construído subjetivamente com todas as implicações do ser. Com esse olhar, concordamos com Macedo (2012:51) quando explica que



Imagem 5. Celebração das águas: amor e gratidão.

A etnopesquisa-ação implicada ignora as fronteiras entre as disciplinas quando elas restringem a efetiva compreensão e ação, e defende o cruzamento das fronteiras entre o meio acadêmico e a sociedade como princípio básico de operação. (Grifos do autor)

A Educação Ambiental nasce da necessidade da humanidade reaprender a se relacionar com a natureza, mediante ao surgimento de grandes ameaças à vida no Planeta Terra. A sua interface com a Educação Popular nos leva à experiência realizada por Paulo Freire, para quem a educação é, sobretudo, um ato político, uma passagem para a libertação da opressão, inserida no ato amoroso da vida. Com essa visão, ele nos apresenta o pensamento fundante de sua perspectiva de alfabetização de adultos, que parte do respeito à vida, da história vivida por cada ser, da emoção e do amor que conduzem à ação. Para esse autor, da mesma forma que para essa experiência vivida com a Educação Ambiental, é a leitura do mundo, trazida pela existência do ser, o ponto de partida para a leitura da palavra.

Concordando com o autor, entendemos que a continuidade da leitura do mundo está intrincada pela leitura das relações que permeiam a nossa existência no ambiente que construímos e nas histórias que registramos. E as narrativas dos educandos confirmam esse entendimento:

Pra mim, eu agora tô achando bom tá olhando pras planta. Porque antes eu olha-

va, mas não ligava não. Agora eu tô falando de fazer um jardim bem bonito lá em casa. (...) Aí eu lembro da gente aqui quando a gente tá fazendo a nossa oração [sensibilização]. Lembro de respirar, lembro da água também. Eu sei é que eu tô muito incutida com isso aí.⁸(...)

É bom pra gente. Se sente melhor. (...) Então você tem mais paciência. Paciência pra cuidar daquela planta. Paciência com as crianças [os filhos]. Até eles querem fazer o que eu faço. Quando eu tô plantando alguma coisa assim, eles vêm atrás de mim e querem me ajudar. (...) Não podem achar qualquer coisa que querem plantar junto comigo. Depois da aula aqui eu tô fazendo a minha horta. Lá tem pimentão, tem tomate, tem cebola...

Esta narrativa confirma as mudanças que ocorreram apresentando um resultado da ação da pesquisa realizada, corroborando com a efetivação do papel da pesquisa-ação ao se propor ser instrumento de mudança social:

Se por muito tempo o papel da ciência foi descrever, explicar e prever os fenômenos, impondo ao pesquisador ser um observador neutro e objetivo, a pesquisa-ação adota um encaminhamento oposto pela sua finalidade: servir de instrumento de mudança social. BARBIER (2007:53)

Dessa maneira, o encontro das águas na junção desses campos vai constituir a

Educação Ambiental Popular, pois é aqui, na comunidade do Planeta Terra, onde a humanidade constrói a sua epopeia.

Referências bibliográficas

- BARBIER, René (2007). *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Liber Livro Editora.
- BARBIER, René (1997). *Abordagem transversal*. Tradução de Rogério Córdova do original francês "L'approche Transversale: L'écoute sensible em sciences humaines". Paris: Anthropos.
- FREIRE, Paulo (2000). *A Importância do Ato de Ler*. 39 ed. São Paulo: Cortez.
- MACEDO, Roberto Sidnei (2012). *A Etnopesquisa Implicada: Pertencimento, criação de saberes e afirmação*. Brasília: Liber Livros.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco (2011). *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athenas.
- MATURANA, Humberto (2009). *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MORIN, Edgar (2008). *O Método*. Vol. I - *A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulinas.
- NICOLESCU, Basarab (1999). *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM.
- RIBEIRO, Sérgio, CATALÃO, Vera e FONTELES, Bené (2014). *Água e cooperação: reflexões, experiências e alianças em favor da vida*. Brasília: Ararazul, Organização para a Paz Mundial.
- SÁ, Laís Mourão (2005). *Pertencimento*. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores. Brasília- DF.
- SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel Cristina (2005). *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed.